



Análise da nova ruralidade nas sociedades modernas na perspectiva do desenvolvimento local

Analysis of new rurality in modern societies from a local development perspective

José Saraiva dos Santos¹; Conceição Maria Dias de Lima²

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura – ProDic da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Arapiraca – AL. jose.saraiva.santos@hotmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura – ProDic da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL Arapiraca – AL.ceicadias@yahoo.com

Todo o conteúdo exposto neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 16 de novembro de 2019; Aceito em: 10 de março de 2020; publicado em 10 de 04 de 2020. Copyright © Autor, 2020.

RESUMO: Este artigo tem como foco trazer a análise dos trabalhos de Wanderly (2000) que busca o entendimento da relação entre a globalização e Ruralidade além do ponto de vista Josefa Salette Barbosa Cavalcanti na sua obra em 2004 sobre as transformações do mundo rural nas sociedades modernas onde destaca que teoria do desenvolvimento local visto. Diante desse cenário destacamos o conceito de desenvolvimento local, de acordo com Tauk-Santos, (1998), compreendido este como um processo de concertação/orquestração dos diferentes atores sociais empenhados no desenvolvimento sustentável das potencialidades econômicas endógenas. Com a atual conjuntura podemos constatar o resultado da falência dos modelos tradicionais de desenvolvimento fundados seja na compreensão do Estado nacional como principal agente promotor do desenvolvimento. A presente análise insere-se numa pesquisa bibliográfica a qual busca compreender o conceito de desenvolvimento local no viés das autoras acima citadas como construção e transformações, com as firmas, dos recursos necessários aos processos de produção e de inovação no seio dos territórios no viés da Urbanização.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento, Sociedade, Transformações.

ABSTRACT: This article focuses on bringing an analysis of the work of Wanderly (2000) that seeks to understand the relationship between globalization and Rurality beyond the point of view of Josefa Salette Barbosa Cavalcanti in her work in 2004 on the transformations of the rural world in modern societies where highlights what theory of local development seen. In view of this scenario, we highlight the concept of local development, according to Tauk-Santos, (1998), understood as a process of concertation / orchestration of the different social actors committed to the sustainable development of endogenous economic potential. With the current situation, we can see the result of the failure of traditional models of development based either on the understanding of the national state as the main agent that promotes development. The present analysis is part of a bibliographic research which seeks to understand the concept of local development from the perspective of the authors mentioned above as construction and transformations, with the firms, of the resources necessary for the production and innovation processes within the territories in the perspective of Urbanization.

KEYWORDS: Development, Society, Transformations.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz um debate com base em teoria como a categoria ruralidade como vemos na visão de Marsden (1999) que configura e ser questionada juntamente com a globalização. O eixo central que o rural permanece uma categoria pertinente para a análise destas sociedades que utilizaram dados através bibliografia relativamente pouco difundida no Brasil e considera especialmente as relações entre o mundo rural e o mundo urbano.

Entende-se Cavalcanti (2004) traz uma importante contribuição no texto onde segundo ela contempla mudanças espaciais que causam impacto nas áreas rurais e que reforçam a diferenciação entre localidades, através do declínio do emprego, da emergência do ambientalismo como ética, emergência de novos espaços rurais, mudanças no caráter quais se revelam forma estima-se segundo a autora que é fundamental que as transformações.

A metodologia baseada num estudo bibliográfico tem como base teórica de Maria de Nazareth tem um como ponto de partida segundo a mesma que retrata que é fundamental a visão rural que esta compreensão, interessa-me dar uma maior divulgação no Brasil aos autores que a formulam e, Cavalcanti em seu estudo sobre a globalização dos sistemas agroalimentares está pautado no uso de novas tecnologias como forma de mudança nos processos produtivos e qual a autora contribui para o campo da globalização como ações dos atores mais dinâmicos.

Atualmente com a globalização e a sociedade desenvolvida temos que entender que o eixo central que o rural permanece uma categoria pertinente para a análise destas sociedades que utilizaram dados através bibliografia relativamente pouco difundida no Brasil e considera especialmente as relações entre o mundo rural e o mundo urbano. Cavalcanti traz uma parte muito importante no texto onde segundo ela contempla mudanças espaciais que causam impacto nas áreas rurais e que reforçam a diferenciação entre localidades, através do declínio do emprego, da emergência do ambientalismo como ética, emergência de novos espaços rurais, mudanças no caráter quais se revelam forma estima-se segundo a autora que é fundamental que as transformações.

Por outro lado, temos um ponto importante que Wanderly (2000) dialoga com a visão de Kayser (1990: 13), o “rural” é um modo particular de utilização do espaço e de vida social. Seu estudo supõe, portanto, a compreensão dos contornos, das

especificidades e das representações deste espaço rural, entendido, ao mesmo tempo, como espaço físico, ou seja, referência à ocupação do território e aos seus símbolos. Portanto temos como objetivo uma análise dos trabalhos de Wanderley (2000) e Ruralidade além do ponto de vista de Josefa Salete Barbosa Cavalcanti na sua obra em 2004.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O trabalho constitui bibliográfica a partir dos seguintes trabalhos de Wanderley a qual estuda relação entre a globalização e Ruralidade e no viés da Autora Josefa Salete Barbosa Cavalcanti na sua obra em 2004. Considerando o enfoque puramente produtivo das políticas para a agricultura, que associa o desenvolvimento local às potencialidades do setor agrícola, lá onde ele se revelava, efetivamente, como um setor dinâmico, gerou um grave problema de exclusão, tanto de áreas como dos grupos sociais marginalizados deste processo.

Na perspectiva de Nazareth (200) deixa claro que o personagem principal deste mundo rural é o camponês, cuja atividade e modo de vida constituem o núcleo central da sociedade assim constituída. Outros personagens, como os artesãos e toda a gama de “mediadores”, convivem com os camponeses, assegurando, através de certa divisão social do trabalho, a reprodução da autonomia relativa da coletividade local.

Por outro lado Maria Nazareth (2000) define que o processo de urbanização muda de “intensidade e de forma”: aumentam as punções sobre o meio rural que afetam, inclusive, os próprios sistemas de produção e de comercialização, intensifica-se o êxodo rural e as cidades passam a exercer um domínio financeiro, administrativo e cultural sobre o campo. Isso reflete em sua que é fundamental do ponto de vista a atualidade, a agricultura continua, sem dúvida, a desempenhar um papel relevante no desenvolvimento local.

Já Wanderley (2000) define a sociedade moderna atual é um ato fundamental para o desenvolvimento local da atual conjuntura. “avançado”, tanto mais importante, quanto ela mesma conseguiu modernizar-se e adaptar-se às exigentes condições dos mercados cada vez mais competitivos, garantindo à maioria destes países uma grande

margem de autossuficiência, ao mesmo tempo em que uma expansão considerável das exportações de produtos agropecuários.

As contribuições Wanderley durante o período da modernização “produtivista”, o conceito central utilizado, inclusive pelas políticas públicas, para definir o modelo ideal de agricultor foi do “agricultor profissional”, referência esta que tinha como eixo a sua condição de produtor, vinculado, portanto, à atividade setorial, e que se expressava em sua competência técnica e em sua participação nas instâncias de representação desta mesma agricultura profissional.

A modernização da sociedade nos espaços locais/rurais tem como fundamento a crescente ‘paridade social’, isto é, a similitude entre as condições de vida das populações que vivem nas cidades e no meio rural e a também crescente disponibilidade, no meio rural, daquilo que ainda é definido como o padrão de ‘conforto urbano’ (WANDERLEY, 2000, p. 128).

Para de Santos (2002, p. 37-38) a globalização, no que diz respeito ao poder estatal, chama a atenção para o “emagrecimento” do Estado na sua passagem de um modelo de regulação social e econômica para uma atuação em parcerias com outras formas de organização, governamental, para-governamental e não governamental, na qual “o aparelho de Estado tem apenas tarefas de coordenação primus Inter pares”. Para esse autor, a desregulação passa a ser uma exigência que o próprio Estado assume como tarefa: a de “intervir para deixar de intervir”.

Os trabalhos de Safira Bezerra Ammann, do final dos anos de 1970 com a participação Social (1978) e Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil (1982), são reveladores desses interesses subjacentes ao buscarem responder as seguintes perguntas: “por que o Desenvolvimento de Comunidade e a participação passaram a assumir tanta importância nas políticas de desenvolvimento nacional”. Neste sentido podemos considerar que a ruralidade, Abramovay (2000) relata que a definição da FAO/SDA (1998) deixam claro que:

Ainda que em muitos casos a agricultura ofereça o essencial das oportunidades de emprego e geração de renda em áreas rurais, é preferível não defini-las por seu caráter agrícola. Há crescente evidência de que os domicílios rurais (agrícolas e não-agrícolas) engajam-se em atividades econômicas múltiplas, mesmo nas regiões menos desenvolvidas. Além disso, conforme as economias rurais se desenvolvem, tendem a ser cada vez menos dominadas pela agricultura. Finalmente, existem empreendimentos agropecuários, em alguma medida, nas áreas urbanas (ABRAMOVAY, 2000, p.06)

Para futuros pesquisadores compreender toda a contribuição de Wanderley para ela do de vista do desempenho profissional, parece evidente que, neste novo contexto, a importância e o significado que os agricultores assumem no meio rural dependem, em grande parte, de duas ordens de fatores: por um lado, sua capacidade de adquirir a competência, cada vez mais complexa, exigida pela própria atividade agrícola e, por outro, sua capacidade de ocupar os espaços não agrícolas que se expandem no meio rural, como sinalizado, o processo de produção do espaço, Rossini (2009, p. 10) ressalta que:

Se o processo de produção do espaço é um processo de trabalho, as parcelas do espaço global se articulam e se integram a partir do papel que cada uma terá no processo de trabalho geral. Estabelece-se então uma diversidade de relações com intensidades desiguais, que vão produzir o espaço global mediante a produção de parcelas espaciais menores. Na formação econômica da sociedade capitalista, a categoria determinante da análise é o capital. Desse modo teremos uma produção espacial voltada para as exigências e necessidades do capital, uma população que se produzirá e reproduzirá em função de suas leis e, conseqüentemente, um processo de apropriação que lhe será peculiar.

Vale ressaltar que Lindner (2010) acredita que o rural deixa de ser denominado apenas como espaço agrícola, como também, os atores do seu habitat perdem a exclusiva denominação de agricultores. “Isto é fruto da mudança do sistema produtivo que liberou mão-de-obra no campo, acelerando a necessidade de se buscar novas alternativas de renda, visando garantir a reprodução socioeconômica de seus habitantes, numa busca de adaptação à nova realidade” (LINDNER, 2010, p. 2).

Esse (novo mundo rural) passa a ser compreendido não mais como espaço exclusivo das atividades, mas como lugar de uma sociabilidade mais complexa que aciona novas redes sociais regionais, estaduais, nacionais e mesmo transnacionais. Redes sociais as mais variadas que no processo de revalorização do mundo rural, envolvem a reconversão produtiva (diversificação da produção), a reconversão tecnológica (tecnologias alternativas de cunho agroecológico e natural), a democratização da organização produtiva e agrária (reforma agrária e fortalecimento da agricultura familiar), bem como o fortalecimento dos turismos rurais (ecológico e cultural). (MOREIRA *apud* RUA, 2006, p. 87).

Considerando a temática do texto da Cavalcanti mostram as contribuições das ciências sociais sobre a agricultura e meio rural a qual a autora foca em sua obra como a relação de peculiaridades desses objetos nas sociedades contemporâneas através da agricultura e os novos contornos da ruralidade. Neste sentido em sua obra supracitada

tem uma contribuição importante que é reconhecer que os estudos sobre a globalização dos alimentos constituem uma corrente de estudo das mais significativas da sociologia rural da atualidade sob ponto de vista de Buttel (2001).

A partir do pensamento que Wanderly (2000) dialoga com a visão de Kayser (1990: 13), o “rural” é um modo particular de utilização do espaço e de vida social. Seu estudo supõe, portanto, a compreensão dos contornos, das especificidades e das representações deste espaço rural, entendido, ao mesmo tempo, como espaço físico (referência à ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo.

Do ponto de vista sociológico para Wamderley na sua fala, quando se fala em “rural”, aponta-se para duas características que são consideradas fundamentais. Por um lado, uma relação específica dos habitantes do campo com a natureza, com a qual o homem lida diretamente, sobretudo por meio de seu trabalho e do seu habitat. A referência a estas características, no entanto, não podem ser entendida como a busca do que seria uma forma a-histórica do rural. Fica claro para Rémy que O “rural” não se constitui como uma essência, imutável, que poderia ser encontrada em cada sociedade. Ao contrário, esta é uma categoria histórica, que se transforma. Cabe, portanto, ao pesquisador, “compreender as formas deste rural nas diversas sociedades passadas e presentes.” (RÉMY, 1993).

Para Maria de Nazareth (2004), as transformações dizem respeito à estrutura e à vida social local, ou seja, o desenvolvimento industrial, na medida em que se concentrou nos espaços urbanos, reiterou a estreita identificação entre a atividade agrícola e o meio rural segundo a própria. Para a autora o enfoque puramente produtivo das políticas para a agricultura, que associa o desenvolvimento local às potencialidades do setor agrícola, lá onde ele se revelava, efetivamente, como um setor dinâmico, gerou um grave problema de exclusão, tanto de áreas como dos grupos sociais marginalizados deste processo. Milton Santos (2008, p.9) descreve a urbanização brasileira:

Alcançamos, neste século, a urbanização da sociedade e a urbanização do território, depois de longo período de urbanização social e territorialmente seletiva. Depois de ser litorânea (antes e mesmo depois da mecanização do território), a urbanização brasileira tornou-se praticamente generalizada a partir do terceiro terço do século XX, evolução quase contemporânea da fase atual de macroubanização e metropolização. O turbilhão demográfico e a terciarização são fatos notáveis. A urbanização se avoluma e a residência dos trabalhadores agrícolas é cada vez mais urbana. Mais que a separação

tradicional entre um Brasil urbano e um Brasil rural, há, hoje, no país, uma verdadeira distinção entre um Brasil urbano (incluindo áreas agrícolas) e Brasil agrícola (Incluindo áreas urbanas). No primeiro, os nexos essenciais devem-se, sobretudo, a atividades de relações complexas e, no segundo, a atividades mais diretamente produtivas.

A contribuição Maria de Nazareth Baudel Wanderley está relacionada ao desempenho profissional, parece evidente que, neste novo contexto, a importância e o significado que os agricultores assumem no meio rural dependem, em grande parte, de duas ordens de fatores: por um lado, sua capacidade de adquirir a competência, cada vez mais complexa, exigida pela própria atividade agrícola e, por outro, sua capacidade de ocupar os espaços não agrícolas que se expandem no meio rural. Podemos entender que o contexto remete o desenvolvimento local para a sociedade moderna voltada para a nova ruralidade.

A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas, ou seja, necessário o “rural” como espaço singular e ator coletivo para os estudos dos anos 2000, Abramovay (2007b, p.17) destaca duas contribuições: constatar que o rural não se diluiu no processo de modernização e identificar que ainda restava uma dúvida: “diante dessas novas significações e de seu caráter marcadamente desigual entre os países, quem são os atores, ou o ator, da nova ruralidade?”. É sobre esse questionamento que a seção seguinte se detém.

Wanderley destaca no seu artigo quando ela cita Mendras que constata que o meio rural espelha hoje o perfil social de cada uma das sociedades modernas avançadas, nele predominando, conforme o caso, a classe média, os operários, ou ainda certas categorias especiais, tais como os aposentados. Se as relações com a vida urbana não permitem que se fale mais em situações de isolamento e oposição, parece evidente que a residência no meio rural expressa cada vez mais uma escolha que não é outra senão, como afirma Mendras, uma escolha por certo modo de vida.

À medida que a noção de desenvolvimento territorial se foi fortalecendo, as discussões sobre o papel da agricultura e do espaço rural também se modificaram. Na verdade, a abordagem territorial promoveu a superação do enfoque setorial das atividades econômicas (agricultura, indústria, comércio, serviços, etc.) e suplantou a dicotomia espacial entre o rural versus urbano ou o campo versus cidade. Na perspectiva territorial, as dicotomias e os antagonismos são substituídos pelo escrutínio da diversidade de ações, estratégias e trajetórias que os atores (indivíduos, empresas ou instituições) adotam visando sua reprodução social e econômica (SHNEIDER, 2004, pp. 104-105).

Considerando os modelos tradicionais de desenvolvimento fundados seja na compreensão do Estado nacional como principal agente promotor do desenvolvimento onde podemos destacar na o ponto de vista de Wanderley que busca o entendimento da relação entre a globalização e Ruralidade na visão Autora Josefa Salete Barbosa Cavalcanti na sua obra em 2004. Para Cavalcanti (1993) os processos que deram lugar ao surgimento da nova Sociologia que denominava Sociologia da Agricultura ou Rural. Cavalcanti cita Wanderley (2004) que ressaltou a vitalidade ou e a permanência do espaço rural. Considerando as instituições estão amplamente implicadas no funcionamento e na dinâmica das economias locais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando todo o contexto do debate ao longo são transformações que se inscrevem nas formas contemporâneas de desenvolvimento capitalista, que se expressam, sobretudo, na urbanização do país, na modernização do campo. Assim, o rural através da interpretação como depositário passivo ou como sujeito coletivo capaz de responder criativamente a essa realidade, ou seja, assume uma importância central enquanto categoria de pensamento para análise das sociedades modernas (WANDERLEY, 2000).

Dessa forma o enfoque puramente produtivo das políticas para a agricultura, que associa o desenvolvimento local às potencialidades do setor agrícola, lá onde ele se revelava, efetivamente, como um setor dinâmico, gerou um grave problema de exclusão, tanto de áreas como dos grupos sociais marginalizados deste processo.

Diante dos resultados abordados pelas autoras podemos entender que as sociedades modernas enfrentam hoje, sob formas e intensidades diferentes, uma “questão rural”, que diz respeito à necessidade de inserir plenamente os espaços e as populações rurais na dinâmica econômica e social moderna, e de assegurar a preservação dos recursos naturais presentes no meio rural como um patrimônio de toda a sociedade.

Tauk-Santos (1998) salienta que a reconfiguração da Extensão Rural vai ao encontro de muitas das atuais práticas extensionistas das organizações governamentais, no sentido de que considera e estimula a participação comunitária como condição *sine qua non* à construção de qualquer política de desenvolvimento local. É interessante

observar que toda a concepção do PIDL e suas estratégias de gestão parecem concernentes com o que se discute hoje no campo teórico da Extensão Rural, pela via da comunicação para o desenvolvimento local. (Tauk-Santos, 1998; Callou, 2002; Tavares, 2003)

Teorizando sobre o papel da comunicação voltada para o desenvolvimento local Tauk Santos (2000, p. 298) destaca: Desenvolvimento local entendido como processo de construção de oportunidades e de melhores condições de vida para populações locais que mobiliza capacidade e energias endógenas, mais que uma perspectiva de estudo da Comunicação Rural é um conceito que vem ganhando importância a partir do final de 80 (TAUK SANTOS, 2000, p. 298).

Callou e Tauk Santos (1995) ressaltam que desenvolvimento local, nesta perspectiva, é considerado como um esforço de mobilização de pequenos grupos no município, no bairro, na rua, a fim de resolver problemas imediatos ligados às questões de sobrevivência econômica, de democratização de decisões e de promoção de justiça social.

O desenvolvimento local é concebido pelo governo estadual como “um processo de mudança que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população das regiões, e que está centrado nos recursos e potencialidades locais.” (SEPLAN, 2003^a, p. 12). A ideia principal é que o desenvolvimento baseado na perspectiva da territorialidade tem origem no desenvolvimento rural cuja modernização conservadora da agricultura constitui sua forma mais recente. Portanto, os ideais e princípios de uma concepção alternativa de desenvolvimento postulado pelos movimentos formuladores das políticas públicas para o meio rural. Outro fator importante que Wanderley são os chamados países de capitalismo avançado são frequentemente vistos, senão como modelos, pelo menos como referências que apontam os rumos das transformações econômicas e sociais.

As relações entre o mundo rural e o mundo urbano, as transformações da agricultura e os novos contornos da ruralidade. Pode-se considerar Segundo Nazareth que as transformações recentes do meio rural e das relações deste com o meio urbano, a enorme efervescência que anima os embates políticos e os debates acadêmicos, especialmente na Europa. O estudo de Nazareth se baseia nas teorias; onde a dinâmica das sociedades modernas, constituídas com o desenvolvimento do capitalismo, está

centrada, fundamentalmente, na importância que nelas assumem os processos de industrialização e de urbanização.

Porém há dois olhares se debruçaram sobre estes processos de acordo com Wanderley: 1º olhar que autora destaca o desaparecimento completo das sociedades rurais/camponesas e outro olhar que seria outro olhar sobre estes mesmos processos. Sob esta outra perspectiva, as profundas transformações resultantes dos processos sociais mais globais. O reconhecimento e a delimitação do espaço rural variam de país para país, em função das formas efetivas de ocupação territorial, da evolução histórica e das concepções predominantes em cada um deles. Em certos casos, o meio rural se caracteriza pelo habitat concentrado em um núcleo, que aglutina não somente as residências dos habitantes do campo, mas também as instituições públicas e privadas ligadas à vida local (igreja, postos bancários e de cooperativas, escolas, postos de saúde etc).

No espaço diversificado, em que se tornou o meio rural, em cuja paisagem convivem indústrias, serviços, vias de comunicação e distintos tipos de residências ao lado dos estabelecimentos agropecuários, a presença destes diversos grupos sociais pode ser fator de dinamismo ou fonte de conflito. Outro fator importante destacado por Nazareth A “paridade” econômica e social foi o resultado, sobretudo, da efetiva expansão das cidades, das crescentes facilidades de acesso da população rural tanto aos bens e serviços modernos, produzidos nos centros urbanos, como a níveis de renda mais próximos aos dos habitantes das cidades e da tendência à uniformização dos modos de vida. Logo Kayser formula uma hipótese geral a respeito, segundo a qual o renascimento rural “é o resultado da difusão, no espaço, dos efeitos da modernização e do enriquecimento do conjunto da sociedade” (KAYSER, 1990, p. 81).

Portanto fica claro que Wanderley teve um receio do texto pesado, carregado de citações e, sobretudo, explicitar e refletir sobre os procedimentos teóricos e metodológicos que a fundamentam. Como Raymond William, Kayser, Mendras, Rémy, Juillard, Marsden e Cavalcanti.

CONCLUSÃO

As leituras e discussões aqui realizadas permitem concluir que a sociedade moderna não é mais aquela da ruralidade do campo do rural, ou seja, a sociedade vive um momento de transformações e mudanças no desenvolvimento local fundamental para as sociedades modernas. Fica então a reflexão de qual seria a nova sociedade moderna? Como o desenvolvimento local está inserido na globalização.

É necessário contemplar essas novas formas de pensar os direitos humanos, para além de uma perspectiva sustentada nos pressupostos do universalismo, de parâmetros generalizados e estáticos do que “deveriam ser” as condições mínimas de existência dos seres humanos.

Diante disso coloca-se a igualdade como horizonte, objetivo a ser perseguido, na certeza de que as lutas sociais e as reivindicações das mulheres fornecem substrato para as mudanças legais nessa perspectiva. Como adverte Boaventura de Sousa Santos (2007) é preciso atentar que para uma teoria cega, a prática social é invisível; para uma prática cega, a teoria.

Portanto a temática do texto mostra as contribuições das ciências sociais sobre a agricultura e o meio rural, a saber: a relação de peculiaridades desses objetos nas sociedades modernas, na agricultura e nos novos contornos da ruralidade, ou seja, a sociedade vive um momento de transformações e mudanças no desenvolvimento do local. Qual seria uma nova sociedade moderna ligada ao meio rural?

REFERÊNCIAS

1. ABRAMOVAY, R. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Texto para discussão nº 702. IPEA: Rio de Janeiro, 2000.
2. AMMANN, Safira Bezerra. (1978). **Participação social**. 2 ed. São Paulo, Cortez&Moraes.
3. AMMANN, Safira Bezerra. (1982). **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil**. 3 ed. São Paulo, Cortez.

4. CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. Teoria sociológica e agricultura: tendências e desafios. In: ADORNO, Sérgio. (Org.). **Natureza história e cultura: repensando o social**. Porto Alegre: UFRGS, p. 61-67, 1993.
5. CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. Globalização e agricultura: processos sociais e perspectivas teóricas. **Estudos de Sociologia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPE**, nº. 1, 2, p. 105- 118, 1995.
6. CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. Globalização e processos sociais na fruticultura de exportação do Vale do São Francisco. In: CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. **Globalização, trabalho e meio ambiente: mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação**. Recife, UFPE, p. 123-170, 1999.
7. JULLIARD, Etienne. **Urbanisation des campagnes. Études Rurales**, (49-50): 5-9, jan./juin. 1973. (Número Especial: L'urbanisation des campagnes).
8. KAISER, Bernard. **Le village recomposé. In: Programme Observation Du Changement Social. L'esprit des lieux**. Paris: CNRS, 1986, p. 41-67.
9. LINDNER, Michele; WANDSCHEER, Elvis Albert Robe. Manifestações das ruralidades em pequenos municípios gaúchos: o exemplo da quarta colônia de imigrantes italianos. V.5, n. 9, p. 147-165, Fev. 2010
10. MARSDEN, Richard; TOWLEY, Barbara. Introdução: a coruja de Minerva – reflexões sobre a teoria na prática. In: CLEGG, Stewart; HARDY, Cynthia; NORD, Walter. **Handbook de estudos organizacionais**. Volume 2. São Paulo Atlas, 1999.
11. MOREIRA, Roberto José. Cultura, Política e o Mundo Rural na Contemporaneidade. Estudos, Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, n. 20, p. 113-143, abr., 2003.
12. RÉMY, Jean. **Le rural et l'urbain entre la coupure et la différence: la métamorphose des relations villes/campagne**. Espaces et Sociétés, Paris: (72): 31-47, 1993.
13. RUA, João. Urbanidades no Rural: **o dever de novas territorialidades**. Campo Território: revista de Geografia Agrária, v. 1, n. 1, p. 82-106, Fev. 2006.
14. ROSSINI, Rosa Ester. **A produção do novo espaço rural: pressupostos gerais para a compreensão dos conflitos sociais no campo**. Campo-Território: revista de Geografia Agrária, v. 4, n. 8, p. 5-28. Ago. 2009.

15. SANTOS, Boaventura de Sousa (2002). Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). (2002). **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo, Cortez. p. 25-102.
16. SANTOS, Milton (2008). **A Urbanização Brasileira**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
17. SCHNEIDER, Sergio (2004). A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações. Sociologias, Porto Alegre, ano 6, nº 11, p. 88-125. jan/jun
18. TAUK-SANTOS, Maria Salett. (1998). “**Gestão da comunicação no desenvolvimento local**”. Revista Comunicação e Educação, n.11, São Paulo, ECA-USP, Ed. Moderna.
19. WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. Estudos Sociedade e Agricultura, 15, outubro 2000: 87-145.
20. WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. (Org.). **Globalização e desenvolvimento sustentável: dinâmicas sociais rurais no nordeste brasileiro**. São Paulo: Polis, 2004.